VI ANNO. SEXTA-FEIRA, 16 DE FEVEREIRO DE 1866. N. 527

O DISTRICTO DE AVEIRO

PREÇOS
ASSIGNATURA SEM ESTAMPILHA
Anno 3:200=Semestre 1:600=Trimestre 850 rs.
Cada número avulso . . . . . 40 rs.

Publica-se regúlarmente ás terças e sextas-feiras de tarde.
Edição supplementar em dias indeterminados.
Subscreve-se e vende-se unicamente no escriptorio da administração — Rua Direita. — Toda a correspondencia deve ser dirigida ao administrador, estampilhada. — Os escriptos enviados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos. — As assignaturas são pagas adiantadas.

PREÇOS
ASSIGNATURA COM ESTAMPILHA
Anno 3:800=Semestre 1:900=Trimestre 1:000
Annuncios e correspondencias, por linha 20 rs.

Politica interna

BOLETIM

A camara electiva, na sessão de quarta feira, discutiu o contrato Debrousse. A discussão foi pouco acalorada, e poucos srs. deputados fallaram sobre o assumpto.

O sr. Sant'Anna e Vasconcellos fez algumas considerações sobre o contrato, que não reputou bom. S. ex.ª notou que as commissões de fazenda e obras publicas houvessem regeitado unanimemente o contrato feito com o sr. Huber Debrousse, quando, na opinião do sr. deputado, se tinha despensado tão largamente beneficios a outras companhias. O sr. Sant'Anna disse tambem que tinha ouvido que o sr. Debrousse estava resolvido a deixar introduzir algumas alterações no primittivo contrato.

O sr. Antonio de Serpa respondeu ao illustre deputado, mostrando-lhe a razão por que a commissão tinha regeitado o contrato. Concedia-se nelle o exclusivo dos armazens por longo prazo, condição que não convinha, e em que o sr. Debrousse insistia.

Poucos mais srs. deputados fallaram sobre o assumpto.

Foi regeitado o contrato.

Antes da ordem do dia fallou o sr. Vieira de Castro.

Ha tempo que o sr. deputado por Guimarães, Costa Lemos, accusára aquelle sr. deputado de ter alterado um discurso que pronunciára na camara. O sr. Vieira, mostrando a falsidade da accusação, e repellindo-a com todo o seu brio, disse que á accusação de cobarde não respondia, por que achava a questão pouco propria de uma sala.

Ficou por aqui este pequeno incidente.

O sr. Fradesso da Silveira fez alguns requerimentos e uma proposta para que as sessões durem pelo menos quatro horas, e que dellas trez sejam empregadas na discussão dos assumptos designados para ordem do dia.

Na camara hereditaria, o sr. marquez de Vallada fez o seguinte requerimento: «Requeiro que se peça pela secretaria d'estado dos negocios da marinha e ultramar uma relação de todos os ecclesiasticos portuguezes que missionaram na diocese d'Angola e Congo; bem como uma relação de todos os professores publicos empregados na mesma diocese.» S. ex.ª fez em seguida algumas reflexões, mostraddo a necessidade que ha de se esclarecer esta questão.

O *Diario* vem despido d'interesse.

Sendo, como se vê, pessimo o estado das nossas finanças que arcam com um espantoso *deficit*, corre ao governo a restricta obrigação de cortar, quanto possa, por muitas das despezas que pesam sobre o thesouro publico.

O desleixo, para se lhe não dar outro nome, com que muitos governos tem administrado o paiz, reduziram as nossas circumstancias financeiras ao deploravel estado em que se acham. O abandono e a indifferença, senão tambem o egoismo e a corrupção, entraram ahi no seio de muitos ministerios que por infelicidade do paiz, tem tido nas mãos os destinos publicos, e o thesouro abriu-se então para sustentar ociosidade, e para remunerar pretendidos serviços.

As fardas de ministros da corôa teem sido fartas vezes envergadas por homens sem sciencia nem consciencia, que desvanecidos com as galas do poder, e acorrentados por ambições sordidas, sem patriotismo, sem aspirações, verdadeiros molluscos, tem collocado o paiz em pessimas condições de finanças.

O dinheiro do thesouro que é o dinheiro do povo, e que por isso deve ser gasto com economia, e applicado a obras necessarias ou ainda uteis, tem sido, por vezes, espalhado ás rebatinhas, esbanjado e desperdiçado.

Não se faz injustiça, attribuindo as circumstancias criticas da fazenda publica á má administração d'alguns governos, porque indubitavelmente contribuiram para isso.

E', porém, certo que afóra a má gerencia d'alguns dos nossos governantes passados, que não olharam a attenuar o *deficit* das nossas finanças, senão a sobrecarregar o thesouro de despezas inuteis e improductivas, contribuiram tambem para levar a mingoa ao nosso thesouro as vias de communicação que nestes ultimos annos se abriram em differentes sitios do paiz.

Seria dar uma prova de ignorancia supina lamentar o mau estado das nossas finanças, originado pelo derramamento das vias de transporte. Se as circumstancias pecuniarias da fazenda publica proviessem sómente d'isto, se fossem unicamente os melhoramentos materiaes que o paiz tem experimentado a causa do desfalque do nosso thesouro, não havia razão alguma para censura. Poderosa alavanca do progresso, verdade reconhecida, as vias de communicação exige-as tanto a vida actual dos paizes, que as enormes sommas que se tem gasto em dotar o nosso com esses importantissimos melhoramentos, são consideradas por todos como despezas de que se não podia prescindir.

Não é a estas despezas que se deve dar o nome de desperdicios e esbanjamentos, não é. Para ellas ha um motivo poderosissimo — o progresso; e um fim justo — a prosperidade do paiz.

Repetimos: alguns dos governos passados tem attendido pouco a empregar convenientemente os rendimentos da nação, reduzindo assim as finanças ao estado em que agora se acham.

O sr. ministro da fazenda, a quem não faltam talentos para pôr cobro ao mal de que se acha affectado o thesouro deve esforçar-se quanto possa para o attenuar ao menos: extinguil-o não será facil em curto espaço de tempo. A serie de providencias, de que falla o sr. ministro da fazenda no relatorio que precede o orçamento não é possivel pol-a em pratica em curto prazo. O *deficit* com que lucta o paiz, sendo consideravel, não pode acabar breve. Mas se não é possivel extinguir o *deficit* de repente, se as medidas energicas não são convenientes para esse fim, nem por isso devem deixar de se ir empregando meios de que resulte ficarem em melhor pé as nossas finanças. A serie de providencias em que o sr. ministro da fazenda confia, pode e deve começar já. Se as medidas repentinas não são convenientes para curar o mal, o adiamento dellas menos o pode ser.

Os membros do actual ministerio de que tem dimanado medidas tão uteis, e com cuja administração tanto tem lucrado o paiz, hão de, esperamos, dar-se as mãos para que levem a cabo a maior empreza, a que podem pôr hombros.

O estado das nossas finanças é lamentavel; mas a vontade e energia do governo podem muito: e quando ha verdadeiros desejos de administrar bem o paiz, e não escasseam nem talentos nem saber, não ha barreiras insuperaveis, nem obstaculos invenciveis.

O exemplo das nações estranhas tambem deve instigar o nosso governo a empregar as providencias economicas conducentes a minorar a doença do thesouro. Na Italia, como em outros paizes, trabalham os governos no empenho de reduzir as despezas do thesouro, e no nosso, onde militam identicas razões para se cortar nas despezas, deve lidar-se no mesmo sentido.

A opinião do paiz julgou já o actual governo pelos seus actos e pelos caracteres respeitaveis que o compõe, e por isso a esperança no emprego de medidas que nos colloquem em melhores condições financeiras, não é uma esperança vã: é realisavel e fundada.

Ha tempos que na camara electiva o sr. deputado Namorado, apresentou um projecto tendente a remunerar os serviços que a classe medica presta á humanidade, na occasião d'alguma epidemia. O sr. deputado queria com o seu projecto que o estado désse pensões ás familias dos facultativos que morressem atacados pela epidemia, quando essas familias, com a morte do seu chefe ficassem reduzidas á pobreza, e quando fossem provados os serviços que o medico prestou aos affectados da mesma epidemia.

A commissão a que então foi o projecto do illustre deputado regeitou-o. As más circumstancias do thesouro foram, sem duvida, que promoveram a resolução dos membros da commissão, que aliás deviam de conhecer a justica que assistia áquella proposta que merece ser attendida quando o paiz, depois de energicos esforços dos nossos governantes, não se vir a braços com o grande *deficit* que hoje peza sobre a fazenda publica. Quando isto se realisar, quando se estabelecer o equilibrio entre a receita e a despeza, remunerem-se então os serviços que a classe medica presta á humanidade.

A' proposta do sr. Namorado, sendo muito justa, achou de frente um inimigo terrivel — o mau estado do thesouro. A commissão que a regeitou, andou tão bem como o sr. deputado que a propoz. O projecto era bom, justa foi tambem a decisão da commissão. No projecto ia a ideia da justa recompensa de serviços; no parecer da commissão foi o pensamento de não aggravar a molestia da fazenda publica.

E' fóra de toda a duvida que os serviços da classe medica devem ser recompensados, mas verifique-se essa recompensa quando os recursos do thesouro não sejam tão minguados como agora. Os governos, com mais ou menos largueza, com mais ou menos justiça, tem sempre remunerado os serviços que qualquer cidadão faz em prol da patria. Uma cicatriz vale ao soldado uma pensão, e muitas vezes, infelizmente, não é preciso que esteja em grande risco a vida do militar, nem que sejam muitos os seus serviços, para que o thesouro se abra em favor delle, mantendo-lhe a ociosidade e pagando-lhe pertendidos serviços. A viuva do soldado que morre no campo da batalha defendendo a patria, recebe, quasi sempre, uma prestação do governo, e a familia do medico que fica na miseria com a morte delle, não a recebe. Recompensam-se os serviços prestados á patria, e os que se prestam á humanidade não se remuneram.

Se o militar, arriscando a sua vida merece paga, o medico merece-a tambem. Se é justo que a familia do soldado que pelejou por a patria seja sustentada pelo estado, justo é tambem que o thesouro alimente a familia do facultativo, victima do seu zelo e abnegação. Se combatendo o inimigo da patria o soldado fez serviços que merecem recompensa, combatendo o inimigo da humanidade, fal-os tambem o medico, mais relevantes ainda, e que por isso devem ser recompensados.

Pagando-se por ahi serviços com immensas sommas de dinheiro, aposentando-se empregados ainda em boa disposição para o trabalho e cujos serviços são pequenos e muitas vezes nenhuns, deve com maior razão garantir-se a subsistencia á familia pobre do medico que morreu combatendo com as armas da sciencia as epidemias reinantes.

A proposta que o sr. Namorado apresentou é, além de justa, convertida que seja em lei, um poderoso incentivo para fomentar a abnegação da parte do medico, virtude que lhe deve assistir para que o tratamento dos doentes seja como é conveniente. O medico, se se lhe não recompensarem os serviços, se não vir no futuro a subsistencia certa para a sua familia, ha de desviar-se, quanto poder, do leito do doente, temendo o contagio.

O dever, pode dizer se, obriga o medico a estar firme no seu posto; mas é tambem o dever que manda ao soldado morrer no seu, e remunerando-se os serviços deste, pelo mesmo motivo devem compensar-se daquelle.

Reduzam-se muitas despezas menos uteis, que se fazem, deixem de se pagar pretendidos serviços, não seja o dinheiro do thesouro para augmentar abundancias, e manter ociosidades, e empregue-se convenientemente acudindo a privações e pagando-se a quem é de justiça que se pague.

Se o projecto não foi approvado na occasião em que o sr. deputado o apresentou, tempo virá em que, melhor collocadas as nossas condições financeiras, se faça a justiça que agora se não pode fazer.

Não se amofinem: a decisão que pende do conselho de districto sobre a validade da eleição municipal do concelho de Vagos não se fará esperar muito. Consta-nos que se aguardam apenas algumas informações que para o mesmo concelho foram pedidas, e que logo que cheguem será o processo submettido ao conselho, e resolvido.

Os «corujas» sabem que isto assim é, e sabem tambem que, se não tem sido resolvida ha mais tempo, é por a confusão de que elles proprios tem procurado, «por diversos modos» cercar este negocio.

Conhecem-se-lhe os intentos. E não é isso cousa difficil. Desmascaram se até na indicação dos vogaes do concelho, cujo parecer, ou affeição, lhes pode ser vantajoso, deixando no escuro os nomes daquelles de cuja opinião se arreceiam. O excesso do cynismo tambem atraiçoa algumas vezes.

Pela nossa parte, respeitaremos a decisão daquelle tribunal, qualquer que ella for, porque temos por costume respeitar todas as opiniões conscienciosas, quando mesmo se oppõe formalmente as nossas.

Não nos permitte a occasião proseguir agora no encetado debate, e que, por excepção ou hypocrisia, os nossos adversarios simularam querer collocar desta vez em melhor terreno.

Até ao proximo numero.

D'Ovar nos pedem a publicação do seguinte:

Illm.º e exm.º sr. José Luciano de Castro.

Acabamos de saber que v. ex.ª foi eleito deputado pelo circulo de Vianna do Castello. Não damos os parabens, porque foi isso apenas uma reparação que o paiz devia a v. ex.ª, e o paiz, apezar mesmo dos aulicos da insignificancia e da guerra que muita vez se faz ao homem que se ergue acima do nivel do commum, o paiz sabeno fundo fazer justiça a quem a deve.

Parabens damos nós a nós mesmos

Folhetim

A LINDA JOANNA

POR

Theophilo Gautier

VERSÃO DO FRANCEZ

(Continuado do n.º 526.)

No mesmo ponto vieram dizer-lhe que podia entrar no quarto de Edith.—Ergueu-se inteiriçado como a estatua do commendador citada por Leporello para a ceia de D. João. Nos punhos crispados machucava o papel fatal; mortal pallidez lhe cobria o rosto, onde luziam em orbita sangrenta as pupilas d'azul medonho, e os tacões batiam rijo no pavimento, como tacões marmoreos; atordoado pelo esmagar de enorme desgraça, dava passadas como as da apparição da esculptura.

Protegida pela sombra transparente das cortinas, quasi que occultava Edith a cabeça no travesseiro guarnecido de renda. O rubor assustado da virgem que espera pelo esposo não lhe tingia as faces, que o sangue abandonára,—as faces tão niveas, que mal podiam dsitinguir-se da fronha de cambraia, onde repousavam.

Fluctuava a mesquinha em terrivel perplexidade; agitava-a a consciencia da falta, e não sabia que resolver. Vinte vezes assomára á beira dos labios a confissão sem poder franqueal-os. Nenhuma occasião fôra azada para a estranha confidencia. Profundamente ignorada tinha ficado a inverosimil ligação, que resultára de fascinação quasi sobrenatural; tinham todos tão serena confiança na sua pureza, que até duvidava ella tel-a perdido. Nem um azo provocára confidencia tal; se enfiava, se enrubescia, se callava, a pallidez, o rubor, e o silencio eram lançados á conta dos dessocegos virginaes, que torturam os moças a ponto de casar;—até o amor legitimo tem sobresaltos, e as lagrimas são de vêzo antigo em olhos de noiva adolescente.

Dizia de si para comsigo todos os dias: «é mister fallar» e decorria o dia sem que fallasse; accelleravam-se os apprestos, sem pôr peito a atalhal-os, e crescia a difficuldade da resolução. Edith amava Volmerange, e sem embargo de ter por indole estremada lealdade, e aborrecimento á propria sombra de um embuste, não tinha força para dar a cutilada na sua ventura. Desacoroçoava á face de tal mofina. Como pessoa perdida, que conta com um acaso impossivel para tiral-a de desesperada situação, assim deixára correr os successos; tinha agora chegado o momento terrivel, e qual pomba agachada, que ouve sussurrar ao redor de si o vôo circular do abutre, esperava, offegando de inquietação e terror. Parecia-lhe então que tudo devia de ter patenteado, engeitar Volmerange, não acceitar a dita, que não merecia. Era porém tarde.

Carecemos de dizer, para justificação d'Edith, que estava culpada,—envilecida, não; era uma das mulheres, que póde o mal attingir,—não penetrar, assim como os marmores, que o lodo salpica, mas não ennodôa, e que as aguas do ceu mostram mais puros e brancos que nunca. Era uma queda, que não tinha senão causas nobres. Xavier representára deante d'Edith uma comedia d'infortunio; fingiu-se oppresso, desconhecido, forçado a quedar na sua esphera humilde pelos incontrastaveis preconceitos da aristocracia, e tinha mantido que a filha de lord Harley não podia amar senão um lord, par d'Inglaterra, guapo, e senhor de grande fortuna. Coisas taes ditas com lhaneza, com geito resignado e frio, com olhos ardentes de paixão sopeada, estimulavam a indole nobre e galharda d'Edith a algum desvario de consoladôra dedicação.

Quizera fazer o papel da Providencia para com aquelle genio ignorado, aquelle anjo exilado, que não era senão um demonio; entregára-se depois, tomando o que só era compaixão, por amor; quanto fôra burlada, breve conheceu pela sincera paixão de Volmerange; e demais d'isso, Xavier seguro do triumpho, pouco tardou que não tirasse a mascara, e em vez de pôr estorvos á união d'Edith e Volmerange, tinha-a de certo modo exigido com algum intento sinistro e tenebroso, impossivel de comprehender. Accrescia que tão perdido de amores por Edith estava Volmerange, que tal confissão dava receios que ensandecesse. Até certo ponto podia julgar se ainda Edith digna de ser amada por um homem brioso, e o seu silencio não era aleivosia.

Logo que entrou Volmerange, percebeu Edith que estava perdida; acercou-se o conde do leito, vagaroso como authomato, e estendeu o papel até ao rosto da rapariga espavorida, e enovellada nos cobertores pelo instinctivo susto.

—Dize, bradou o conde com voz suffocada, e com uma similhança de sarrido estridente, dize que é falso o que esta carta affirma, e eu te darei fé, ainda que me cegue a luz da verdade.

A pobre Edith meio-louca de pavor endireitára-se, e d'olhos esgazeados, labios trementes, e faces descoloridas — como se vira a cabeça de Meduza, — com o vão e em panado esguardo da insania fitava o papel, onde flammejava a sua condemnação.

No movimento rapido, que fizera, estalou o laço, que lhe prendia o cabello, e as madeixas d'ebano choveram-lhe no collo, e realçaram-lhe mais a alvura inanimada.

Certo que não se ergueu Desdemona mais aterrada e pallida á pergunta sinistra do Mouro de Veneza, e apesar de Volmerange não ter a tez côr de bistre, não era o aspecto menos terrivel e feroz.

Houve um momento de silencio, todo expectativa, angustia e terror.

Lá fóra mugia a tormenta; varejavam as vidraças os bagos da chuva. Affigurava-se que o vento arrimava o joelho á janella, e carregava como para entrar, e assistir de curioso áquella scena nocturna. A casa sacudida pela procella tremia até aos alicerces, as portas rangiam nas ombreiras, queixas confusas discorriam pelos corredores; a alampada meio-velada para os mysterios do thalamo, reanimava-se por instantes, e dardejava clarões pallidos. Tudo augmentava o espanto da situação.

Duas horas soaram na pendula. Sempre tão clara, tão argentina, — a campainha resoou então lugubremente.

(*Continúa.*)

por se abrir a porta do parlamento áquelle, que só paixões ruins de lá tiraram — Parabens damos nós á representação nacional por contar outra vez no seu numero aquelle que pela palavra a arrasta e a vence, a illustra e a nobilita — Parabens damos nós ao paiz por fazer justiça, tardia é verdade, áquelle, a quem a deve, e a quem, vergonha é dizel-o, nem sempre a tem feito.

As reputações ganhas pelo trabalho e pelo talento, pela palavra e pelo proceder, são sempre as que mais incommodam e as que mais offendem. Nasceu d'ahi essa guerra que fizeram a v. ex.ª, essa guerra sem fim nobre e sem aspirações patrioticas. Deve-a relevar v. ex.ª. Se se é grande, quando a aureola do talento nos illumina o nome, nobreza é tambem esquecer essas aberrações partidarias, que nem são as mais verdadeiras, nem as que mais illustram, porém as que mais deshouram quem as pratica.

Exm.º sr. Nós, amigos de v. ex.ª, esperando muito do seu futuro pelo seu passado, temos pena de uma só cousa: é não sermos nós os que tivessemos a honra de lhe depositarmos nas mãos o diploma de deputado. Mas tambem resta-nos a consolação de que, deputados como v. ex.ª não pertencem a um circulo só, porque as glorias nacionaes são de todos, e todos nós nos honramos com ellas.

Ovar, 1.º de fevereiro de 1866.

O abbade, Manuel Marques Pires
O abbade d'Arada, João José da Silva Cascaes
O abbade, João Valente de Rezende
O administrador, Francisco Corrêa das Neves
O bacharel, Serafim d'Oliveira Cardozo Baldaia
João Frederico Teixeira de Pinho
Padre, Francisco d'Oliveira Baptista
Padre, Manuel Maria d'Oliveira Baptista
Padre, José Rodrigues Quatorze
Padre, Bernardino Pereira Rebello
Padre, João Pereira Thomaz
Delfim José Rodrigues Braga
Padre Antonio José da Cunha
Joaquim Manuel da Fonceca, Junior
Presbytero, Manuel da Silva Laranjeira
Antonio d'Oliveira Martins
Padre, Antonio Rodrigues de Pinho
Joaquim Manuel da Fonceca Guerra
João José da Silva
Padre, Antonio Rodrigues Valente
Manuel Martins d'Oliveira
Francisco Luiz Valente
Manuel José de Rezende
Padre, Francisco José Nunes
Padre, João Maria de Sá Vianna
Serafim da Cunha Leal
Manuel Augusto da Silva
Padre, Manuel José Valente
Manuel Bernardino d'Oliveira
Padre, João d'Oliveira Descalsa
Antonio Manuel d'Oliveira Dias
Antonino Rodrigues do Valle
Placido Antonio Pinheiro Chaves
Lourenço Maria d'Oliveira Váz
Manuel Albano Martins Fonseca
Augusto Pinheiro Chaves
Miguel José Baptista
Francisco Rodrigues da Silva
O regedor, Manuel José de Pinho
Padre, Antonio André d'Oliveira
Padre, Francisco Marques da Silva
Tito de Noronha
José Manuel Rodrigues da Graça
Padre, Manuel d'Oliveira Louro
Padre, Manuel Gomes Duarte Pereira Coentro
Padre, Francisco Dias.
Padre, Manoel Gomes Dias
O escrivão de fazenda, Julio Augusto Ferreira.

Monumento a D. Pedro V

Na praça da Batalha da invicta cidade do Porto acaba de ser inaugurado o grandioso monumento, que os artistas portuenses elevaram á memoria do rei muito amado D. Pedro V. Preito de gratidão e amor á memoria de um rei, que se prezava de ser o amigo dos que trabalhavam, eil-o ahi levantado não como lisongeira expressão dirigida ao prestigio da realeza, que essa desappareceu sob as abobadas do pantheon de S. Vicente de Fóra, mas como tributo de sincera affeição, offerecido por amigos verdadeiros, que sabiam admirar as sublimes virtudes que ennobreciam esse coração sinceramente devotado ao engrandecimento da patria e bem estar dos cidadãos, o qual a morte nos roubou no momento em que n'elle principiavam a desabrochar as mais viçosas esperanças do futuro da nação.

No meio do trafegar continuo do trabalho o artista lembrou-se do seu rei, do seu protector, do seu amigo, d'aquelle em fim, que cheio do jubilo correu sempre a tomar parte nas festas do progresso e da civilisação; lembrou-se e quiz dar uma prova publica e irrefragavel de que dentro d'um peito que encobre a libré do trabalho pode bater um coração generoso e bem formado. E procurando o meio mais proprio de honrar a memoria do neto do rei soldado, o qual fosse não só digno da respeitavel classe artistica, que o offerecia; mas do rei a quem era destinado, foi acolhida com enthusiasmo a ideia de um monumento, que servisse de testemunho ás eras vindouras de que houve em Portugal um rei, que soubera attrahir as affeições de todos os seus vassallos.

Esta ideia não deixou comtudo de soffrer impugnação e não poucos obstaculos tiveram de se remover. Embora! Os filhos do trabalho, acostumados a domar a rigidez do aço e a dureza do diamante, souberam mostrar de quanto era capaz uma vontade firme e uma fé ardente, e o dia 3 de fevereiro do corrente anno pôde emfim com a força da realidade desilludir os descrentes e convencer os duvidosos. Os artistas portuenses viram n'este dia realisados os seus mais ardentes votos, os estranhos reconheceram de quanto era capaz o trabalho do operario, e os descrentes assistiram á encarnação da utopia!

Dentro do curto espaço de dois dias offereceu o Porto duas festas grandiosas, que para sempre o hão de ennobrecer ante os olhos de nacionaes e estrangeiros. Uma era a glorificação do trabalho internacional, que em estreito amplexo se agrupou no recinto do palacio da Torre da Marca; a outra significava que os artistas, personificação do mesmo trabalho, sabem nutrir sentimentos generosos pelos seus protectores e amigos. Foram pois duas festas artisticas: uma representava as esperanças no futuro; a outra, as memorias do passado — memorias que, embora tristes, a alma se compraz em recordar.

Tocou a sorte da inauguração da estatua do senhor D. Pedro V a seu irmão o senhor D. Luiz I, que com o throno lhe herdou suas exemplares virtudes. Se o soberano portuguez se não houvera sempre empenhado em cumprir a promessa, que fizera na sua ascensão ao poder — de procurar sempre imitar as egregias virtudes do seu fallecido irmão — se o senhor D. Luiz I não tivesse a certeza de haver cabalmente satisfeito esse dever sagrado, que desta promessa lhe proveio, sentiria sem duvida o coração torturado e comprimido em vista das acclamações do povo portuense ante a estatua do seu rei muito amado. Não aconteceu, porém, assim sem duvida, pois que essas ovações se iam em grande parte reflectir no successor do rei, que era objecto das bençãos e acclamações de uma cidade inteira. Se foi immensa a perda d'esse monarcha exemplar que não só em vida mas tambem depois de morto fôra indigitado por nacionaes e estrangeiros como rei modelo, essa perda não foi sem duvida irreparavel, como a muitos se afigurava.

Não é nosso intento fazer a apotheose das virtudes dos nossos reis, quando ellas são objecto de publicas demonstrações tanto dentro como fóra de Portugal. Felizmente não somos dos que menos devemos á fortuna no tocante ao bom nome de nossos principes.

Fôra a praça da Batalha a escolhida para assento do novo monumento. Sem desapprovarmos completamente a escolha do local, devemos comtudo fazer sentir a conveniencia de se aformosear devidamente esta praça, e para isso muito convem que sejam reedificados alguns predios, que ahi se deixam ver, improprios sem duvida de tal logar. Lembrem se de que aquella praça fica sendo ponto obrigado em as visitas que ao Porto hajam de fazer todos os viajantes, e que a magnificencia do monumento de nenhum modo se casa com o aspecto repellente de tão grutescos edificios.

F. e C.

Damos em seguida publicidade a um protesto que o general Prim fez contra os excessos com que O'Donnell opprimiu os revoltosos hespanhoes que não tiveram a felicidade de escapar á tyrannia d'aquelle governo, e virem procurar o abrigo das nossas leis.

E' um documento importante, e que ha de ser lido com interesse por quem tem horror ao proceder barbaro d'aquelle governo.

O manifesto diz assim:

Aos hespanhoes

«Se todos os homens publicos são obrigados a dar conta de suas acções, com muito maior razão deve dal-a, quem impellido como eu, pelo amor á patria e á liberdade, iniciou uma revolução politica destinada a salvar a propriedade e a familia da tremenda revolução social que as ameaça, e que foi preparada pelos governos reaccionarios, cujo systema se reduz a manter o despotismo no ponto culminante, no meio a corrupção, e debaixo de tudo a escravidão. Como a minha obra não está terminada, por mais que julguem dissipada a tempestade, em razão de se haver extinguido o echo do primeiro trovão, por mais que o julguem muitos, a quem a cegueira não permitte observar como se multiplicam os relampagos por toda a amplidão do escuro horisonte, parece que não soou para mim a hora de fallar; mas quando me vejo combatido, não com as armas nobres e proprias de cavalheiros, mas com as armas vis e traiçoeiras da diffamação e da calumnia; quando me lançam em rosto, como graças cortezãs ou distincções que hei ganho com a minha espada nos campos da batalha, graças que ficam muito inferiores á altura em que a voz da nação tem collocado o meu proprio nome; quando me classificam com denominações que me envergonharia de repetir, denominações que nenhum soldado hespanhol merece, denominações que mais que a quem são arrojadas affrontam o que as lança em distancia, e que ninguem ousaria repetir-me frente a frente; quando os que mandam vigiar os quarteis pela força destinada a reprimir os criminosos me calumniam, accusando-me de ter querido forçar as portas dos presidios, continuar silencioso seria ter em pouco a minha honra, que brilhou sempre pura como o sol, que pura m'a entregaram meus paes, que immaculada a legarei a meus filhos, e que agora é não só a minha honra pessoal, mas a de todo o partido a que pertenço, que mais que partido deve dominar-se uma communhão politica de homens honrados.

Vou fallar, pois, aproveitando a breve tregua que a sorte me impoz, e que se pode considerar como o tempo que o cavalleiro gasta em mandar ferrar o cavallo para continuar em seu caminho mais veloz e desassombrado. Vou dizer rapidamente porque arvorei o pendão revolucionario, quaes são as minhas aspirações, qual foi o meu procedimento á frente das tropas libertadoras, e como tive de me deter e procurar guarida em terra estranha, por motivos inteiramente alheios ao governo, em quem, força é confessal-o, encontrei um cooperador activo, porque com o seu proceder inqualificavel, violento e exclusivo, preparou os animos para a revolução, que é a unica esperança dos hespanhoes.

Ha muito tempo que é insustentavel a situação politica de Hespanha. Os hespanhoes estão divididos em duas raças, uma que manda, e outra que obedece; uma que improvisa riquezas na ociosidade, e outra que menos tem quanto mais trabalha; uma que usufrue todos os deveres; e, o que é mais triste ainda, uma que corrompe, e outra que é corrompida.

O mundo official pesa sobre a Hespanha como um exercito conquistador sobre um povo vencido, e é um cancro que é necessario extirpar pela raiz, com ferro e fogo, se se tornar necessario, senão roerá todo o corpo da nação. O dever do bom patriota é tratar de extrair este cancro; e eu, que amo a minha patria mais que a minha propria vida, quando vi a questão chegada a tal ponto, não vacillei um momento, abracei por bandeira o programma da junta central progressista, que é a representação actual do partido a que pertenci sempre, e que me considerou digno de ser o primeiro que soltasse o grito de guerra, chamei em meu auxilio o povo e o exercito, cujos membros tem não só o direito, mas tambem o dever de defender a patria das demasias dos governos tyrannicos e das invasões estrangeiras, e dei principio a uma campanha em que já consegui um triumpho moral, por que tal se pode considerar o modo como a opinião publica recebeu a minha determinação, e para a qual não deve tardar o triumpho material, pois que não acreditar nelle seria duvidar da Providencia.

Accusam-me de ingratidão, por adoptar esta resolução patriotica? E' necessario viver na epoca de lamentavel desvario mental que desgraçadamente atravessamos, para ouvir similhantes absurdos. Os premios que os militares obtem plejando como eu, obrigam-nos a ser agradecidos para com a nação que lh'os concede, e não para com os governantes, porque, se fôra de outro modo, um soldado digno e leal não podia receber, sem se degradar, a recompensa dos seus serviços: cada honra que se lhe concedesse seria um grilhão preso a seus pés que o arrastaria por vezes a pelejar contra a sua propria patria. Eu sou soldado da nação, e não de nenhuma pessoa determinada; á nação tenho servido, a nação me tem recompensado, e á nação demonstrei o meu reconhecimento expondo a vida para salval-a da escravidão em que geme; fique para cortezãos que com indigna complacencia tem comprado titulos que os affrontam, o culto das pessoas; eu que aprendi na escola rude, mas franca, dos acampamentos, as regras severas do altivo cavalheirismo e da honra varonil, não posso acceital-os por mestres, e ainda menos por juizes.

Accusam-me de haver seduzido as tropas. Outra falsidade. O exercito inteiro via, e vê, como eu, a situação da Hespanha, e queria remedial-a; por que na Hespanha o coração do exercito foi sempre liberal, e em parte nenhuma se ha trabalhado tanto como nos quarteis para introduzir, garantir e defender o systema representativo.

A prova de que o exercito inteiro queria, e quer, a revolução, é ter o governo encarcerado uns regimentos, desarmado outros, e mandado vigiar os demais pela guarda civil, da qual os homens que hoje regem os destinos da nação hespanhola diziam, não ha muito tempo, no seio dos corpos colegisladores, que *deshonrava o uniforme.* O povo repelle este governo, o exercito está por elle opprimido e degradado, o clero, tambem ergue a voz para accusal-o; que maior unanimidade pode haver para o condemnar? Pois para atacar um governo, ao qual a opinião publica tão unanimemente anathematisa, necessitava eu de aliciar um soldado sequer? Ha porventura necessidade de seduzir o prisioneiro para que quebre seus grilhões, o enfermo para que se restabeleça, e o offendido parar que repilla o offensor?

A uma injuria, que se asseguron me dirigiram em certa proclamação, não me dignarei responder. O auctor da proclamação negou o facto quando se tornou publico; a negativa chegou ao meu conhecimento, e é quanto me basta; não negou do mesmo modo o epitheto de *traidor* com que me injuriou, e que foi uma bala de lôdo, que não me alcançou, e com que só conseguiu sujar as mãos. Aquella que professa publicamente uma doutrina politica, que annuncia em occasiões solemnes que está resolvido a sustental-a com a ponta da espada, que marca um praso para o combate, e chama os seus adversarios para campo aberto, não se denomina traidor em nenhuma lingua do mundo. O general Concha que em 1841 atacou o paço real, e que ao ver-se repellido fingiu que fôra fazer um reconhecimento, para deixar sós os soldados a quem seduzira, e fugir, protegido pela escuridão, em quanto fuzilavam os que haviam tido a fraqueza de acreditar em sua promessas; o general Concha, marquez do Douro, que n'aquella occasião faltou egualmente ao governo e a seus parciaes; o general Concha é que deve ser denominado traidor. A cada um o que lhe pertence: não me denegre com titulos que a elle sómente pertencem, e que eu lhe arrojo á fronte.

Quanto á accusação de buscar auxiliares nos presidios necessito acaso repetil-a?

O general O'Donnell, que m'a dirigiu em pleno senado, sabe demasiadamente o que eu ambicionava fazer em Alcalá; conhece o meu caracter, e devera, por isso, ter-se abstido de lançar-me uma inculpação, caja inexactidão e injusça não pode deixar de reconhecer no amago da sua consciencia.

Como no commettimento que me propuz não expunha sómente a minha pessoa, mas tambem as de meus auxiliares, não me determinei a pôl-o por obra, senão depois de haver traçado detidamente o meu plano de campanha reunido e collocado no seu posto cada um dos elementos que haviam de contribuir para a victoria. Quaes elles eram não chegou ainda o momento de o declarar. Saber-se-ha, quando esteja concluida a obra.

Postas assim as cousas, e depois de varias tentativas que tambem não devo referir (e muito menos as causas por que se malograram) saí de Madrid no dia 2 de janeiro do presente anno, acompanhado de quatro amigos dos muitos que queriam compartir commigo o perigo dos primeiros momentos, e dirigi-me a Villarejo, ponto de reunião das forças militares que deviam soltar comigo o grito de liberdade.

Eram estes amigos o brigadeiro D. Lorenzo Milans, o commandante de artilheria D. Manuel Pavia, o auditor D. Francisco Monteverde, e o redactor da «Iberia» Carlos Rubio.

Como apparentemente iamos para uma caçada, e como o governo, com quanto temeroso de que alguma cousa estava para succeder, por que o advertiam d'isso os remorsos que sentia, ignorava o nosso projecto, apesar de que depois, para dizer alguma cousa, tenha sustentado o contrario, ninguem interrompeu nem se oppoz á nossa marcha.

Devia ir iniciar o movimento com forças mui superiores ás que me secundaram, e auxiliado pelas que em diversos pontos da peninsula se haviam comprometido a pronunciar-se; pensára em dirigir-me á côrte, certo de obter resultado mais breve e mais completo que o obtido pelo general O'Donnell em 1854; mas poucas horas depois da minha chegada a Villarejo, apresentou-se-me o capitão D. Bernardo del Amo, que fôra a toda a brida, e que fizera uma jornada de 19 leguas, arrostando não poucos perigos, para me annunciar que o maior numero dos regimentos compromettidos não podiam auxiliar-me de prompto. Esta noticia ter-me-hia inclinado a suspender por algum tempo a realisação da minha empreza, se quasi ao mesmo tempo não tivesse entrado na povoação o regimento de Calatrava, tirado do seu quartel pelo commandante, sr. Bastos, o capitão, sr. Alamar, o ajudante, sr. Lafuente, e outros officiaes, e conduzido pelo coronel D. José Merelo.

Ficava já comprometido este regimento, por tanto, não me era possivel retroceder. Mesmo porque o perigo era grande, e escassas as probabilidades de triumpho, não quiz deixal-o só, e apresentando-me a elle, expuz-lhe com franqueza a situação em que nos achavamos. Os vivas dos officiaes e soldados não me deixaram concluir, demonstrando-me por todos os modos possiveis a impaciencia guerreira de que se achavam possuidos.

Passadas quatro horas chegou o regimento do Bailen, conduzido pelo capitão sr. Terrones, e pelos tenentes srs. Ohoro e Marcos. Este regimento para chegar junto de mim, tivera que fazer fogo sobre o seu coronel e alguns de seus officiaes; e o seu enthusiasmo ao pôr-se ás minhas ordens não foi menor que o do Calatrava.

Com estas forças escacissimas, em comparação das de que dispunha o governo, dei principio á campanha. Tambem se sublevára no dia 3 de janeiro, cumprindo lealmente seus compromissos, o primeiro batalhão do regimento de infanteria de Almanza collocando-se á sua frente o bizarro commandante D. Eulogio Gonzalez, que o commandára por muito tempo, e que havia sido exonerado do commando dias antes, acompanhando-o os capitães, srs. Feijó, Fontelia, Martinez e outros, além do tenente coronel D. Antonio Campos, que commandára o provincial de Avila, e dos capitães Padial e Garcez que se lhes juntaram; mas não tendo achado em Zamora a recepção que tinham direito a esperar, e vendo-se obrigados a refugiar-se em Portugal, não poderam aquelle batalhão e estes bravos officiaes, prestar me nenhum auxilio, nem eu utilisar o seu valor e enthusiasmo.

O plano de campanha necessariamente havia de ser desde este momento muito diverso do projectado. Sem infanteria, não podia eu tomar a offensiva; demais não a queria tomar para evitar com corpos do exercito encontro em que se derramaria sangue de soldados hespanhoes. Propuz-me só ganhar tempo, e andando em quanto pudesse, nas immediações de Madrid, esperar successos favoraveis. Não se me occultava, que os regimentos que não tinham podido pronunciar-se no primeiro momento, menos o podiam fazer depois de ter o governo tomado as suas precauções; mas esta difficuldade era inexcusavel e tive de acceital-a; além d'isso eram tantos os elementos que se me tinham offerecido, que as minhas esperanças não podiam taxar-se de temerarias.

Comecei as minhas marchas e contramarchas, passei repetidas vezes por entre as columnas lançadas em minha perseguição, desorientei os meus perseguidores, e molestando os povos o menos que me foi possivel, apesar da escacez dos meus recursos, permaneci por espaço de dez dias nas cercanias da côrte.

N'estas evoluções mostrou o meu pequeno exercito constancia, valor, e resignação a toda a prova.

O valor do combate é innato na Hespanha, tem-o todos os nossos soldados; mas o valor e constancia necessarios para supportar continuas privações permanecendo a cavallo dias e dias, subindo asperos alcantis, descendo a profundos valles, vadeando rios, transpondo pantanos, dormindo ao relento, no rigor do inverno, ora com ração ora sem ella, e tudo sem exalar uma queixa, sem faltar á mais perfeita disciplina, sem motivar uma reprehensão, sem haver um entre tantos que me abandonasse, ou désse a mais leve mostra de desalento, só se acham soldados escolhidos, e os que os tem collocam-se na primeira linha entre os seus companheiros; taes foram os soldados de Bailen e Calatrava.

A final foi-me preciso ceder. Os meus recursos esgotavam-se, e não queria gravar os povos com exacções que os teriam arruinado. Por se não ter cortado a tempo um caminho de ferro, vi-me obrigado a demorar a minha marcha para Andaluzia, e os cavallos, excessivamente fatigados, não podiam já caminhar. Nem se quer tinha sufficientes munições. Resolvi, pois, marchar para Portugal, á espera da occasião mais propicia (que não tardará a apresentar-se); e seguindo sempre o meu systema de desorientar os adversarios, com o fim de não combater senão para abrir caminho, cheguei ao Tejo, não pude atravessal-o por estar cortada a ponte de Talavera, e fortificada a do Arcebispo, tomei outra direcção, vadiei felizmente o Guadiana, e entrei em terra de Barros até chegar a Fregenal da Serra.

Neste povo, apenas alojadas as tropas, tive aviso de que se approximavam duas columnas das que me buscavam inutilmente desde o principio, promettendo ao governo todos os dias surprehender-me e derrotar-me, não podendo nunca cumprir suas promessas, affirmando ás vezes que tinham surprehendido a minha rectaguarda, vendo-se obrigados a confessar depois, que tinham dito officialmente o que não era exacto, cançando-se com pesquizas tão desconcertadas como inuteis, e cobrindo-se de ridiculo. Querendo evitar um combate nas ruas estreitas e defficeis de Fregenal, sahi da povoação e acampei a uma legua d'ahi, mas não foi ninguem atacar-me. O aviso fôra falso.

Já á vista de Portugal deram-me noticia de que os carabineiros e guardas civis da provincia, concentrados em Encinasola, se reuniam para marchar. Depois soube que não se reuniam com este fim, se não com o de se entrincheirarem e defenderem; o aviso que recebi foi já o indicado. Immediatamente enviei um commissario dizer-lhes que se não incommodassem, porque eu não queria entrar na povoação; e mandando formar quadrado aos meus soldados, com o coração opprimido e a voz tremula, fallei-lhes nos seguintes termos:

«Soldados: entre as diversas posições a que me tem sujeitado a sorte, não tive nunca momento tão doloroso e em que necessitasse fazer tão grande esforço sobre mim mesmo, como no presente. Appellae tambem para a vossa firmeza de coração para escutardes o que tenho a dizer-vos; e mostremos todos a varonil inteireza e a abnegação patriotica que caracterisaram sempre os soldados hespanhoes.

Para salvar a nossa patria da ruina a que a conduzem os governos reaccionа-

rios, hasteámos a bandeira da liberdade e de progresso, e muitas vezes que deviam responder á nossa mão o fizeram.

Porque? não sei; e por isso mesmo não devemos julgar ainda as que faltaram. Se houve entre elles desleaes a seus compromissos sirva-lhe de castigo a sua ignominia no tribunal da consciencia Se houve cobardes fiquem elles esquecidos de nós e da nossa nação valorosa. Não nos queixemos tambem do que succedeu, porque para satisfação nossa basta a certeza que temos de que cumprimos o nosso dever de homens liberaes.

Isolados e sós como nos achamos, são dois os caminhos que se nos apresentam. Travar a lucta com as escassas forças que mais de perto nos seguem, esperar as mais consideraveis que se aproximam por outras partes, e mostrarmos o nosso esforço no combate; ou transpôr a fronteira que temos á vista e aguardar melhores dias. O primeiro alvitre é o que preferis; mas o segundo é o mais patriotico; e crede que o valor não só se mostra no campo de batalha, mas muitas vezes brilha mais na firmeza necessaria para não combater.

Que adianta a nossa patria com darmos um combate esteril, após o qual a nossa causa, mesmo quando alcancemos a victoria, nada ganharia de prompto? Sós como estamos, não podemos alcançar o fim que nos propozemos; e se não entramos hoje em Portugal antes de luctar, teremos de entrar ámanhã com as mãos manchadas de sangue dos nossos irmãos.

Não foi contra elles que hasteámos a nossa bandeira, mas contra o governo que os opprime tanto como a nós, e contra o qual luctaremos tambem, mais cedo ou mais tarde, assim como luctará toda a nação, e demasiadamente nol-o demonstra o enthusiasmo com que todos os povos nos tem recebido, os vivas que nos tem prodigalisado, e as bençãos com que de nós se tem despedido. A nossa marcha tem parecido longa carreira de triumphos; e não os poderiamos ter maiores em parte nenhuma das que temos percorrido se foramos vencedores!

Retiremo-nos, pois, soldados, retiremo-nos para esperar; e vós a quem tanto devo, vós que com valor e resolução, que a patria nunca esquecerá, sem vos contardes, nem contardes os vossos contrarios, arvorastes comigo o estandarte da liberdade; vós que tão grande exemplo de subordinação, de moralidade, de constancia, tendes dado, pois em toda a vossa marcha não houve um só que esmorecesse, ou a quem eu tivesse que reprehender, ou que nos abandonasse; vós, meus companheiros e amigos, dae-me esta ultima prova de carinho; reprimi o vosso enthusiasmo guerreiro e segui os conselhos da prudencia. Os dias da peleja hão de chegar; hoje deveis abster-vos, porque assim o exige o bem da patria; e é no momento de pizar a raia de Portugal, quando para nós se vão fechar as portas da patria que mais devemos mostrar-nos hespanhoes.

Soldados: teremos talvez de nos separar na emigração, tratarei quanto em mim couber de assegurar a vossa substancia, e estou certo que o nobre governo portuguez tambem se interessará por vós. Mas quer a vosso lado quer longe de vós, meu coração estará sempre comvosco, que me seguistes quando tantos me abandonaram e que tanto como eu vos interessaes pela causa da liberdade. Não se separam jámais as almas unidas por nobres aspirações em dias de desventura. Todos nós temos sido um na nossa empreza, temos sido um na desgraça, e seremos todos um unico no dia da fortuna que não está talvez longe.

E' nobre e generosa a nação a que vamos pedir hospitalidade, é nossa irmã. Emquanto vos demorardes nos seus limites, peço e ordeno, se preciso fôr, que guardeis para com todos os seus habitantes as attenções e respeitos que tendes pelos vossos compatricios. Não os desattendaes e fazei que julguem a Hespanha por vós, e quando hajam de fallar que seja de modo que reconheçam, se acaso duvidassem, que os regimentos hespanhoes de Bailen e Calatrava se compõem de soldados cavalheirosos. Rogo-vos tambem e ordeno-vos que nos aquartelamentos que o governo vos destinar, conserveis a mesma subordinação, a ordem e a mesma disciplina como se estivesseis nos quarteis hespanhoes, para que por vós se avalie o nosso exercito e se aprecie a revolução que iniciámos.

Soldados: digamos adeus á patria, provando-lhe o nosso amor.

Soldados: viva a Hespanha, viva a liberdade, viva o progresso... e permitti-me que eu solte o grito de vivam os regimentos de Calatrava e de Bailen!

Jámais me esquecerá o aspecto que naquelle momento apresentava a minha columna; que enthusiasmo, que brados, que abnegação em todos!

Era pouco para os meus soldados a emigração; parecia-lhes agradavel o martyrio padecido pela liberdade e pela patria; e ás suas manifestações enthusiasticas juntaram-se em breve a dos habitantes de Encina que, apesar de saberem que iamos deixar a Hespanha, nos sairam ao encontro em turba como o tinham feito os demais das povoações do nosso transito, e com as lagrimas nos olhos animavam-nos, acclamavam-nos e abençoavam-nos.

Nada podiam já receiar ou esperar de nós; era por tanto sincero aquelle enthusiasmo, nascia-lhes do coração, era o reflexo do sentir da nossa patria e compensava nos os soffrimentos.

Devo tambem dizer que a nobre nação portugueza nos recebeu particular e officialmente com um tal carinho, e effusão, que mostram ser para todos os homens livres a liberdade a primeira patria, irmãos os que a amam, e martyres da sua religião os que padecem por ella. Não me admira tal procedimento de um povo tão illustrado e tão livre, mas não é por isso menor a minha gratidão.

Termina a minha obra por ter entrado em Portugal? Declaro-me acaso vencido? Não, e mil vezes não. Cessarão em breve os inconvenientes materiaes que nos obrigam a descançar um dia; são as mesmas ainda as forças da revolução em Hespanha; é a mesma tambem a necessidade da revolução. Ainda que eu não tomasse parte nella, a revolução devia de fazer-se, e eu sou incapaz de faltar no meu posto de honra. Animo hespanhoes! approxima-se o dia da redempção; temos do nosso lado a força e o direito, começamos a luctar para o povo, e o povo não pode morrer. Ninguem vacille. Os nossos adversarios nada podem esperar de si, mas sim da nossa fraqueza. Para se sustentarem precisam não perder um unico encontro, e uma só victoria nossa dar-nos-ia o triumpho. Hespanhoes, mais fé e mais animo do que nunca. Hespanhoes, viva a liberdade, viva o progresso, viva a soberania nacional.

Juan Prim.

Actos Officiaes

Synopse da parte official do «Diario de Lisboa» n.º 32 de 10 de fevereiro

MINISTERIO DA FAZENDA

Mappas da receita cobrada nas alfandegas de Lisboa e Porto no mez de janeiro findo, comparada com a de igual mez no anno anterior.

— Continuação do annuncio do pagamento dos vencimentos do mez de janeiro findo, a diversas classes.

— Venda, no dia 4 de abril proximo, de fóros, censos e pensões impostos em propriedades sitas no districto de Faro.

— Idem, no dia 22 de março proximo, de capitaes não distractados pertencentes ao concelho de Coimbra.

— Decretos demittindo: o amanuense de 1.ª classe do thesouro publico, Augusto Carlos de Macedo; o amanuense do tribunal de contas Eduardo João de Mesquista; o aspirante de 1.ª classe da repartição de fazenda do districto de Lisboa, José Maria de Andrade Ferreira; e o correio a cavallo do tribunal de contas, Manuel Maria Gomes, todos por se acharem pronunciados pelo crime de burla.

— Outro restituindo ao exercicio do seu emprego de amanuense de 2.ª classe do thesouro publico, José Augusto Pessoa de Amorim, por não ter sido pronunciado no processo que se lhe instaurou por duplicação de recibos dos respectivos vencimentos.

MINISTERIO DA MARINHA E ULTRAMAR

Portaria ordenando ao sr. intendente da marinha do Porto que não se opponha á edificação das moendas que Joaquim Antonio Felismino Gomes pretende estabelecer na sua propriedade denominada a Marinha Grande, sita na margem esquerda do rio Ave, defronte de Villa do Conde.

— Noticia de que na noute de 11 do corrente começou a funccionar no pharol da barra do Douro, uma luz, de porto, branca, com lanterna e apparelho lenticular.

Exterior

No dia 6 do corrente a rainha Victoria solemnisou a estreia da nova legislatura britanica pronunciado o seguinte discurso:

«Mylords e senhores:

Com grande satisfação recorro ao vosso auxilio e aos vossos conselhos. Dei recentemente o meu consentimento ao matrimonio de minha filha a princeza Helena, com o principe Christiano de Schlewig-Holstein-Souderbourg-Augustembourg. Espero que esta união será prospera e feliz. A morte do seu amado tio o rei dos belgas affligiu-me profundamente. No entretanto tenho grande confiança em que a sabedoria de que deu provas durante o seu reinado, inspirará o seu successor e garantirá a independencia e prosperidade da Belgica.

As minhas relações com as potencias estrangeiras são amigaveis e satisfatorias e não vejo razão para temer qualquer perturbação na paz geral. A reunião das esquadras da França e da Inglaterra nos portos dos respectivos paizes contribuiu para firmar a amisade das duas nações e para provar ao mundo o seu amigavel accordo no interesse da paz.

Vi com satisfação que os Estados-Unidos depois de terem terminado felizmente a grave lucta que por tanto tempo os affligiu, se occupam prudentemente em reparar os desastres da guerra civil.

A abolição da escravatura é um acontecimento que exita as cordeaes sympathias e as felicitações de Inglaterra sempre a primeira em demonstrar o horror que lhe inspirava uma instituição que revolta todo o sentimento de justiça e humanidade.

Tenho ao mesmo tempo a satisfação de vos informar que os esforços e a perseverança da minha esquadra reduziram o trafico dos negros na costa occidental de Africa a mesquinhas proporções.

Entre o meu governo e o dos Estados-Unidos se trocou uma correspondencia relativa ás injustiças que se cometteram com o commercio americano por corsarios que arvoraram o pavilhão confederado. Ser-vos-hão presentes cópias dessa correspondencia.

Causou-me a mais viva satisfação o facto de se terem renovado as relações diplomaticas com o Brazil, e reconheço com prazer que os bons officios do meu alliado El-Rei de Portugal contribuiram essencialmente para este feliz desenlace.

Deploro a interrupção da paz entre a Hespanha e o Chili. Os bons officios do meu governo, de accordo com os do governo do imperador dos francezes foram acceitos pela Hespanha, e o meu maior desejo é que as cousas de desagrado possam desapparecer de uma maneira honrosa e satisfactoria para os dois paizes.

As negociações pendentes com o Japão ha algum tempo teem sido dirigidas com grande habilidade pelo ministro nesse paiz e com a cooperação dos representantes dos meus alliados, foram resolvidas de uma maneira que merece a minha inteira approvação.

Os tratados existentes foram ractificados por o Mikado; foi estipulado que as leis do paiz seriam revistas n'um sentido favoravel ao commercio, e que a indemnisação devida, segundo os termos da convenção de outubro de 1864, seria satisfeita pontualmente.

Concluiu um tratado de commercio com o imperador d'Austria, que espero inaugurará para este imperio os beneficios devidos á extensão do commercio, e proporcionará grandes vantagens aos dois paizes.

Os deploraveis acontecimentos succedidos na Jamaica me obrigaram a mandar fazer uma syndicancia imparcial, e para manter a auctoridade durante o tempo da syndicancia, nomeei governador da ilha e commandante em chefe do exercito de Jamaica um dos nossos mais distinctos officiaes, a quem enviei dois commissarios tão habeis como rectos para que o ajudassem a investigar as causas e detalhes da ultima sublevação, assim como para examinar as medidas que se tomaram para a reprimir.

A legislatura da Jamaica propoz substituir a antiga constituição politica da ilha por uma nova forma de governo. Sobre este ponto um *bill* será submettido á vossa apreciação. Os documentos relativos a este negocio ser-vos-hão presentes; e egualmente os relativos ao estado actual de Nova Zelandia. Dei as ordens para fazer voltar para a Inglaterra a maior parte das forças regulares empregadas nesta colonia.

Sigo, com o maior interesse, os acontecimentos que se passam nas possessões inglezas da America do Norte, e desejo uma grande união entre as diversas provincias deste paiz, união a que ligo a maior importancia. Vi com grande pesar uma tereivel epidemia, fazer estragos entre os gados da Grã-Bretanha, e com profundo sentimento e uma sincera sympathia por os que soffreram, soube as perdas que esta epidemia causou n'um grande numero de condados e districtos.

Por outro lado vi com praser que até agora pelo menos, a Irlanda e uma grande parte da Escossia foram respeitadas pela calamidade e espero que com as precauções que a experiencia tem suggerido e contando com que o ceu abençoe as medidas empregadas, se conseguirá suspender o desenvolvimento da epidemia. As ordens que foram dadas pelos lords do meu conselho privado, em virtude dos poderes que lhes são confiados pela lei, com o fim de prevenir a propagação da doença, serão submettidas á vossa consideração, e chamar-se-ha a vossa attenção sobre a conveniencia de uma reforma nas leis relativas a um objecto que affecta tão profundamente os interesses do meu povo.

Senhores da camara dos communs, ordenei que os orçamentos da despeza do anno proximo vos sejam presentes; foram preparados com uma legitima consideração pelas economias, e com as condições que devem assegurar a sustentação dos serviços publicos.

A situação commercial é satisfatoria.

Mylords e senhores da camara dos communs. — Uma conspiração, egualmente subversiva contra a auctoridade, a propriedade e a ligação, desapprovada e condemnada por todos os que se interessam por a sustentação destes principios primordiaes sem distincção de classe nem de crenças, appareceu desgraçadamente na Irlanda.

O poder constitucional dos tribunaes ordinarios bastou para a reprimir, e a auctoridade da lei foi sustentada firme e imparcialmente.

Um *bill* vos será presente sobre o relatorio da commissão real nomeada para estudar a questão da pena capital.

Tambem ordenei que se vos apresentem differentes projectos para reformar e consolidar a lei relativa ás bancarotas e obter os melhoramentos que esta lei exige.

Egualmente se vos submetterão medidas tendentes a estender o systema do credito publico ás distribuições das receitas e despezas, que o não tem conseguido até aqui, e tambem os projectos da reforma das leis relativas a certas cathegorias de pensões legaes.

Será chamada a vossa attenção sobre a questão dos juramentos prestados pelos membros do parlamento, afim de evitar as declarações inuteis, e de impedir as distincções desgraçadas entre os membros que pertencem a religiões distinctas sobre differentes pontos da legislação.

Ordenei que vos sejam dadas informações relativas ao direito eleitoral para a eleição dos membros do parlamento pelos condados, cidades e aldeias.

Quando as informações estiverem completas, a attenção do parlamento será chamada sobre o resultado assim obtido, com o fim de melhorar as leis que regem o direito da eleição dos membros da camara dos communs de modo que se consiga fortificar as nossas livres instituições e assegurar o bem estar publico.

Nesta como nas outras deliberações, peço constantemente ao ceu que a benção de Deus Todo Poderoso vos inspire para assegurar a felicidade do meu povo.»

— A noticia que demos no nosso numero passado do assalto que os flibusteiros americanos fizeram contra Bagdad, no Mexico, está occupando muito a attenção da imprensa estrangeira. Em França causou grande surpreza esta noticia. Diz-se que o governo de Washington condemnava o proceder de Crawford, commandante das tropas negras, e que está resolvido a castigal-o.

Sobre este acontecimento, um jornal francez que temos presente, dá alguns pormenores. A *Patrie* diz:

Na noite de 4 para 5 de janeiro, cento vinte e trez soldados do 118.º regimento de côr metteram-se em lanchas que arranjaram em Claskesville, e passaram para a margem mexicana do rio. Ali, commandados pelo coronel Reed, dividiram-se em trez grupos; o primeiro entrou em Bagdad, e surprehendendo a guarnição aprisionou-lhe quatrocentos homens, e apossou-se de quatro peças de artilheria; o terceiro encaminhou-se ao quartel general do coronel Rice, governador de Bagdad e prendeu o desprecatado.

Neste comenos os negros davam sacco á cidade, e remettiam o espolio para Brownsville, onde, consoante se diz, o general Wentzel determinou que se restituissem os despojos aos mexicanos. Ajunta-se que fez marchar para Bagdad um destacamento com o fim de proteger os habitantes, ordenando-lhes a evacuação da cidade, no caso de haver tentativa da parte dos imperialistas para a recobrarem.

«Ao tempo que tinham logar estes acontecimentos, outros não menos hostis se praticavam no rio. O vapor mexicano *Antonio* foi accommettido no dia 5 pelos flibusteiros de Crawford, e foi varado de lado a lado por um tiro de canhão. A bordo deste vapor morreram e ficaram feridos alguns homens.

«No dia 6, uma corveta franceza que chegou a toda a pressa ás costas de Bagdad, começou a bombardear a povoação defendida com trincheiras feitas de fardos de algodão. Como o bombardeamento não surtisse algum resultado, uma chalupa com um obuz approximou-se da margem mexicana. Os flibusteiros negros apontaram a artilheria contra a chalupa. Não se sabe o resultado deste combate; o que é certo é que na occasião das ultimas participações os americanos occupavam ainda Bagdad.

O general Wentzel ordenara o armamento do forte Brow com algumas peças Parrott.

«Foi tal a impressão que estas noticias produziram em Washington, que muitos senadores foram procurar o presidente da republica para lhe pedir que, sem demora, convocasse um conselho de ministros.

«Mr. Stevens, da Pensilvania apresentou ao congresso uma proposta para que o governo federal fosse auctorisado a fornecer á republica mexicana a somma sufficiente á fim de se impedir o estabelecimento de uma monarchia no Mexico.»

Em outro logar diz a mesma folha:

«Bagdad, que acaba de ser occupada pelas tropas negras do exercito dos Estados Unidos, é cidade de cerca de quatro mil homens, e de construcção recente. Está situada abaixo de Brownsville, mas do outro lado do Rio Grande, que separa o Mexico do territorio americano.

A corveta a vapor *Chaptal*, commandada por Clone, capitão de mar e guerra, e chefe da nossa subdivisão naval, sahiu de Vera-cruz com trezentos homens e artilheria, com o intuito de recobrar Bagdad. Acompanha a corveta a lancha canhoneira de vapor, *Pique*, que em consequencia de ser de pouco fundo poderá approximar-se da costa.

«Bagdad estava defendida por uma minguada guarnição mexicana que era resguardada por trincheiras que não podiam garantir muita seguridade.

— A questão do Oriente começa de novo a occupar as attenções, em razão das agitações por que está passando e dos symptomas de uma fermentação que pode augmentar. No Libano continuam as desordens e o estado de Damasco causa muitos receios.

Na extremidade da peninsula arabica teem tambem surgido conflictos entre a guarnição ingleza e os arabes.

— Os jornaes francezes transcrevem d'um italiano o seguinte:

«Escrevem de Roma, que se faz ali propalar o boato, no mundo dos prelados, de se achar concluida uma convenção por parte do governo pontificio, com a Belgica, Hespanha, Baviera e Austria representadas pelos srs. Vilain XIV, Isturitz, Bergen e Hubner, a fim de garantirem o poder temporal ao pontifice.

A commissão romana foi immediatamente proceder a informações de origem fidedigna, para assegurar se se tratava tão somente do consentimento formal dado por aquelle governo aos alistamentos pontificios feitos nos seus paizes. Algumas potencias, entre outras a Hollanda e a Suissa, teem-se esquivado a conceder no seu territorio identica authorisação.»

— O *déficit* do orçamento hespanhol sobe a quantia de 500 milhões de reales. Diz-se que o ministerio hespanhol está resolvido a fazer a economia de 50 milhões.

— Em consequencia das desintelligencias que houve ha tempos entre o pontifice e o representante da Russia na côrte de Roma diz-se que o barão de Megendorff será substituido por outro diplomata que tenha em mais consideração as susceptibilidades de Pio IX.

Corre o boato de existirem intelligencias secretas entre Victor Manuel e o pontifice. Diz-se que o general Lamarmora é favoravel a esta politica, e que Ratazzi e Mingheti e outros homens importantes da Italia tambem a apoiam.

Noticiario

Podia ser terrivel. — Lê-se no *Jornal de Lisboa*: Na madrugada de domingo, 14 do corrente, occorreu na linha ferrea de Londres a Dowar, por Chatman, cerca de Bukenharn, um accidente que occasionou a morte de uma só pessoa, mas que podia produzir muito maiores desastres. A curta distancia de Bukenharn, cruza o traçado do caminho um arroio que se atravessa por uma ponte de vigas de ferro, apoiada em altos estribos de tijolo e alvenaria.

A neve que cahira abundante na quinta e sexta-feira da mesma semana, cobrira os campos com espessa capa, que a chuva de sabbado derreteu, augmentando consideravelmente as aguas do rio, e fazendo aluir a ponte. Não se notou comtudo indicio algum que mostrasse ameaçar a ponte o menor perigo, e tanto assim, que o comboyo de passageiros de Londres atravessou á meia noite com inteira segurança o sitio onde d'ali a duas horas havia de manifestar-se o abalo da ponte e succeder o desastre do comboyo seguinte.

A' uma e meia horas da manhã sahiu da estação de Baltersec para Ramsgate um comboyo de mercadorias, de machina com *tender*, treze *trusk* e um *fungão*. Chegou ao logar do sinistro, e a machina já tinha quasi atravessado a ponte, que mede 40 pés de extensão, quando a immensa massa do estribo se desmoronou. As vigas da ponte, privadas de um de seus apoios extremos, curvaram-se e logo cairam na agua quebrando-se com terrivel estampido, e arrastando na queda a machina, o *tender*, e todo o resto do comboyo, que parou encravado no arroyo. O conductor, antes da machina chegar ao solo, deu um salto e cahiu em terra, de uma altura de 40 pés, salvando assim a vida, apezar das terriveis contusões que recebeu. O fogueiro não foi tão afortunado: agarrarou-se á varanda da machina, de sorte que quando o *tender* cahiu sobre ella, esmagou-o inteiramente.

Ao despontar do dia correram as partidas de trabalhadores a remover os restos amontoados do comboyo. Metade das vigas da ponte estavam reduzidas a hastilhas, e metade do estribo inteiramente destruido. Os fragmentos d'aguns dos *truks* tinham-se empilhado uns sobre outros formando um enorme montão de ruinas. As mercadorias que o comboyo conduzia foram espalhadas pelas terras de lavoura que orlam a linha, attestando o horrivel desastre que occorrêra.

AO EMPRAZAMENTO E A' RESPOSTA. — Quando os farfantões blasonam de responder a algum argumento ou proposição, póde apostar-se que miram a escapar-se por alguma tangente miseravel. Emprazaram-nos ahi para declararmos quem era o cavalheiro de industria que por misericordia não fôra processado como falsario. Promptificâmo-nos a responder com a condição de nos declararem primeiro quem eram os individuos a quem já por duas vezes haviam apodado de contrabandistas.

Repetiram o emprazamento e responderam o seguinte:

«Os contrabandistas são aquelles, cujas casas a portaria do ministerio da fazenda de março de 1863 mandava vigiar por causa do contrabando que n'ellas entrava. Esta portaria foi expedida ao governador civil d'Aveiro. O incendio de 1864 consumiu-a, mas existe a cópia no livro da respectiva secretaria.

O sr. Guerra Quaresma, se quizer informar-se sobre a origem de certas fortunas, tem excellente ensejo, requesitando as cópias dos documenios officiaes, que desappareceram nas chammas, e pondo-se a corrente sobre a moralidade de certos individuos. Olhe que tem muito que desbravar, e ficará conhecendo depois, que nem tudo que luz é ouro.»

De proposito copiâmos as palavras delles, porque desejâmos que os nossos lei-

tores possam formar perfeito juizo da contenda, com conhecimento pleno do que por uma parte e por outra se allega. Ollem que não façam elles outro tanto !

Nós já esperavamos que a resposta viesse encapotada. N'aquella gente só pervalece a insidia e a má fé. Não tem na alma uma fibra sã nem na face um musculo que possa corar. Não admiramos, portanto, que, em logar da declaração explicita, que nós pedimos, viesse uma nova insinuação, um novo insulto mascarado, hypocrita, e revoltante.

Quando elles ahi fallaram em moedeiros-falsos, em incendiarios, em assassinos, foram tambem emprasados, e do mesmo modo fugiram diante da responsabilidade da calumnia. E são estes miseraveis que se atrevem a emprazar os outros para que explicitamente lhes declarem alguma cousa !

Que impagavel é um desavergonhamento assim !

Francamente diremos que d'elles não nos importam nem os emprazamentos, nem as insinuações, nem as calumnias. Podem dizer o que quizerem. Quem por tal sorte se tem revolvido na vasa das ruas, perdeu o direito a todas as contemplações e já não pode sujar ninguem. Protestamos, porem, perseguil-os com o azorrague, e devem ter a certeza que não fogem para campo onde elle não possa attingil-os.

E por isso mesmo dezejavamos saber se a portaria a que se referem é aquella que promoveram insidiosamente para se vingarem d'um antigo e honrado funccionario, que se recusou a votar contra José Estevão na eleição de 1861. Embora se queimasse no incendio do governo civil, devem sabel-o visto ainda constar dos archivos, de que estão de posse. Isto é ponto para largo desenvolvimento.

Vamos agora responder ao seu emprazamento nos mesmos termos exactamente por que responderam ao nosso.

Querem saber quem são os que por *misericordia* não foram processados como *falsarios* ?

São aquelles que, servindo de secretario de uma commissão, falsificaram um documento publico, e a quem foi necessario que os collegas valessem consentindo que a culpa fosse attribuida a descuido do amanuense. Este facto teve logar ha poucos annos, e consta de uma acta, que existe no archivo da camara municipal d'Aveiro.

O sr. Guerra Quaresma não precisa ir aos archivos publicos para saber a origem de certas fortunas : basta consultar a voz publica. E' tão conhecida essa origem, que temos a certeza de que só uma pessoa em Aveiro, e d'esta excepção tem a honra os farfantes, deixará d'apontar-lh'a lealmente.

Agora o que o sr. Guerra Quaresma precisa saber, por que isso importa á administração a cargo de s. ex.ª, é o segredo de certas existencias maravilhosas, de individuos que ainda ha seis annos não tinham eira, nem beira, nem ramo de figueira, tendo desistido da herança paterna para fugir aos credores, e que depois que se embetesgaram na gerencia de certo municipio, vivem á grande, são mordomos de todas as festas e compadres de todas as bodas, gastam centos de mil réis em eleições, compram cazas, marinhas e moinhos, sem terem renda que chegue para uma subsistencia ordinaria. Isto é que é segredo que decerto se deve encontrar nos archivos publicos.

Temos-lhes demonstrado que estamos resolvidos a cumprir a nossa promessa. Avancem que nós seguil-os-hemos.

Balanço do movimento da Caixa Economica desta cidade no mez de janeiro de 1866.

Entradas

Depositos recebidos . . .	709$080
Letras idem	1:120$500
Juros idem.	165$470
Saldo do mez antecedente. .	3:294$380
	5:289$580

Saidas

Depositos restituidos. . . .	145$720
Emprestimos	1:126$680
Juros pagos	745$390
Saldo em caixa.	3:271$790
	5:289$580
Valor dos depositos a cargo da caixa em 31 de janeiro, entrando a quantia de réis 542$405 de juros capitalizados de 1865.	29:330$065
Valor das letras a receber existente na mesma data. .	26:926$570

Escriptorio da Caixa Economica de Aveiro, 1 de fevereiro de 1866.

O secretario

A. PINHEIRO.

Procissão da Cinza. — Teve ante-hontem logar a procissão da Cinza, que sahiu da egreja da Ordem Terceira pelas 2 e meia horas da tarde, e percorrendo algumas ruas da cidade, recolheu depois no mesmo templo.

O concurso era bastante numeroso, vindo muitas pessoas das aldeias circumvisinhas assistir a este acto religioso.

Acompanhou a procissão o destacamento de infanteria 5 que se acha estacionado nesta cidade.

Ao recolher a procissão subiu ao pulpito o sr. padre Manuel Rodrigues, que orou com geral agrado dos ouvintes.

Deus lhe ponha a virtude. — É tradição piedosa entre o povo destas circumvisinhanças, que passando as creanças por baixo do andor de S. Luiz, rei de França, que vae no procissão de Quarta-feira de Cinza, o Santo faz o milagre de lhes dar falla.

Alguem nos disse hontem que o sr. deputado por Aveiro, fizera voto ao milagroso Santo de se alistar na Ordem Terceira, e passar trez vezes por baixo do seu andor, se fizesse o milagre de lhe dar falla quando for occupar no parlamento a cadeira viuva do rei da eloquencia portugueza.

Não sabemos se é *canard*. Podemos affirmar que nól-o disseram, e que vimos o illustre deputado na procissão de cordão e hábito terceiro.

Soirée. — Houve na terça-feira nova *soirée* no Club. Appareceram alguns costumes, e a concorrencia de damas e cavalheiros não foi menor do que no primeiro dia. Dançou-se sempre com grande animação até ás 4 horas da manhã.

Ainda bem que este anno se não perderam as boas tradições do Club, que todos os annos costuma abrir, pelo carnaval, as suas salas, e proporcionar noutes de verdadeiro prazer á *elite* da nossa pequena sociedade.

Ao menos que a monotonia habitual do boston, do whist, e do voltarete, se quebrem uma vez por anno com os animosos folguedos da dança.

Theatro. — O drama = **29** ou HONRA E GLORIA = que no domingo passado foi á scena no Theatro dos Artistas, e que tão merecidos applausos mereceu pelo seu excellente desempenho, é representado pela segunda vez no proximo domingo, 18.

E' de crer que a concorrencia não seja desta feita menor. O modo como correu a primeira representação convida a assistir á segunda.

No logar competente deste jornal vae o respectivo annuncio, por onde se poderá vêr a ordem do espectaculo.

Ao Jornal de Lisboa. — Nas columnas do nosso estimavel collega da capital foi, na vespera da récita dos estudantes do lyceu, irrogada uma censura aos mancebos patriotas, que se esforçam em pagar um tributo de gratidão ao seu desvelado protector, dizendo-se ali, que tinham esfriado em seu nobre intento.

Os assiduos trabalhos da direcção, e o empenho que mostraram os briosos mancebos no bom desempenho do beneficio da noite do dia 8, que viram coroado do mais animador exito, e o que continuarão a praticar, é o melhor desmentido que nós podêmos dar ao illustrado collega, que andou de leve na censura aos estudantes, que se têem tornado dignos dos maiores encomios.

* * *

O Panorama. — Publicou-se o 7.º numero, contém os seguintes artigos : — A Bananeira (gravura) — A Gravura em Madeira em Portugal, por Nogueira da Silva — Epistola dedicatoria de Gil-Vicente a D. João III — O lapidario e o diamante, fabula de José Maria da Costa e Silva — Hogarth (gravura), biographia por Pinheiro Chagas — A Galatea Moderna, Osorio de Vasconcellos — Joaquim José Domingues — Beatriz, poesia por E. A. Vidal — O Espelho Magico, poesia por Candido de Figueiredo.

Correio da Capital

(Do nosso correspondente)

Lisboa, 15 de fevereiro

Nada ha, politicamente fallando, que mereça a pena de referir-se.

Acabou o entrudo, e eis-nos no tempo santo, em que cada um dos leitores tem de dar conta do que fez ha um anno a esta parte.

Acabou felizmente o entrudo com os seus *brinquedos*, que podião causar inveja aos cidadãos de Tuy, mas que são improprios de uma cidade que se tem em conta de civilisada, como é a nossa primeira capital, que n'essa parte está abaixo da cidade do Porto.

Não ha entrudo em que não haja desgraças, que lamentar ; metamorphoseados em macacos, pagens, galegos, saloyos, moços de fretes, etc., etc., entendem os *entrudistas*, que podem fazer o que quizerem : e de feito o fazem.

Saem todos os annos uns editaes *pro forma*, prohibindo todos os projectis, usados em tão burlesco tempo ; mas ao passo que se affixam taes editaes, permitte-se a venda dos mesmos objectos, que não podem ter outro uso se não o que os mesmos editaes prohibem.

Esta nossa boa terra é *sui generis* ; temos uma constituição, em que se diz — que a lei *será* igual para todos. E este bom povo está á espera do dia em que o tal *será* ha de ser.

Ha em Lisboa uma classe de gente (!), a que vulgarmente se dá o nome de *janota*, que o sr. Castillo diz ser *bicho* incognito a Lyneo, porque não entra na sua classificação de animaes ; esta raça damninha e prejudicialissima á ordem publica, tem em si uma outra especie que zomba impunemente das leis, infringe descaradamente todas as medidas policiaes a seu talante, e porque é *filha d'algo*, que matou 3 mouros n'Africa, e porque anda de *casse-tête*, e falla em cavallos, a policia entende que está fóra da acção das leis.

Diz-se que essa gente faz cousas do *arco da velha* durante o entrudo, promovendo-e desordens no largo das duas egrejas, em S. Carlos, etc., etc., e tudo ficou na mesma ! ! ! Foram então presos dois estudantes do lyceu que estavam atirando com ovos para uma janella ! ! ! *Credite posteri* ! ! !

Não posso dizer aos leitores se o entrudo esteve ou não divertido, porque não sahi de casa durante os trez dias : Dizem porém os jornaes que houve bailes em differentes theatros, em que as semsaborias rivalisaram com as mais creações, concorrencia em todos elles, não obstante ter chovido muito na segunda e terça feira.

— Houve camara dos deputados na quarta feira. A sessão começou muito tarde porque não havia numero á hora do regimento, em que a sessão deve começar.

Antes da ordem do dia fallou o sr. Vieira de Castro, para repellir a accusação, que ha tempo lhe fôra feita pelo sr. deputado por Guimarães, de haver alterado o discurso, que pronunciára na camara. O sr. Castro é um moço pundonoroso, e entendeu, não dever conservar-se silencioso em face de uma accusação como a que lhe fôra feita.

O sr. deputado por Guimarães tenciona fallar de novo, e praza a Deus que a polemica não passe alem da sala do parlamento.

A ordem do dia foi a discussão do contrato Debrousse, que versa sobre a conquista de terrenos e construcção de caes na margem direita do Tejo, construcção e exploração de dockas, e armazens geraes para depositos de mercadorias, e para a construcção de um caminho de ferro de Lisboa á Cintra. Os pareceres das duas commissões de fazenda e obras publicas, foram desfavoraveis ao referido contrato.

O sr. Sant'Anna abriu o debate ; com quanto fosse adverso ao mesmo contrato, disse que sentia que as duas commissões o rejeitassem, ao passo que a camara fôra tão benevola em relação a outros contratos ruinosos para o paiz. Que era preciso saber-se se o sr. Debrousse acceitava ou não algumas modificações, que podiam tornar acceitavel o contrato.

O sr. Serpa expoz as razões, que forçaram as commissões a dar aquelle parecer, e sobretudo fez notar o onus dos armazens geraes por 99 annos, cujo exclusivo queria o sr. Debrousse, com grave prejuizo do commercio da capital.

O sr. Sant'Anna de novo fez ver, que havia um depósito ha muito tempo, e que o sr. Debrousse forçosamente perdia o juro do mesmo deposito, além do seu tempo que era tambem dinheiro, e o seu credito ; e que a equidade pedia que se fosse mais latitudinario com relação ao sr. Debrousse como a camara o fôra com relação aos outros contratos.

O sr. Levy concordou com a conclusão do parecer menos com os *considerandos* ao mesmo.

O sr. Sá Nogueira tambem fallou reprovando o contracto.

Fallou depois o sr. ministro da fazenda pondo a questão no seu verdadeiro pé, mostrando que não obstante a commissão regeitar o contracto, o governo não ficava inhibido de contractar novamente em relação a cada um dos objectos do mesmo contracto, por que todos elles eram importantes, e por isso merecião a seria attenção do governo. Quanto a juros do deposito, como este era em inscripções, o depositante tinha direito a receber os juros dos mesmos.

Fallaram ainda alguns srs. deputados fazendo algumas reflexões, que por modo algum tendião á sustentação do contracto. Depois do que, o contracto foi rejeitado.

A's tres horas a camara constitui-se em sessão secreta para se occupar do tratado de limites com a Hespanha.

Houve camara dos pares. Tratou-se do parecer da commissão de legislação sobre o processo enviado pelo juiz do 3.º districto criminal, instaurado contra a companhia do gaz, nas pessoas dos srs. barão de Villa-Nova-de-Foscôa, e Luiz de C. Guimarães.

Mandou-se imprimir o parecer, depois de algumas reflexões da parte de alguns dignos pares.

— Não ha hoje camara, ha todavia trabalhos em commissão.

— Na folha oficial não ha cousa que mereça menção especial.

— Chegou a Lisboa o sr. conde da Praia Grande da Victoria, vindo no vapor *Leal*.

Ant'hontem foi encontrada, diz o *Portuguez*, morta na rua da Atalaya 220, loja, Francisca Norberta, sexagenaria, e muito pobre. Parece que ella tinha morrido ha dias, por causa de falta de recursos.

Seria para desejar que houvesse algum albergue, em que fossem recolhidas as pessoas, que, pela sua avançada idade, e com falta de recursos, não possam trabalhar.

— O sr. José Maria de Sant'Anna e Silva, abbade de S. Martinho da Barca, foi agraciado por S. M. com o titulo de prégador regio, em attenção á oração gratulatoria recitada por s. s.ª no *Te-Deum* que houve nos Congregados quando se inaugurou a estatua da Batalha no Porto.

— O tempo quer endireitar-se, mas creio que teremos ainda muita chuva.

Y. Z.

BARRA DE AVEIRO

EMBARCAÇÕES ENTRADAS EM 14 DE FEVEREIRO DE 1866

Cahique portuguez «Oliveira», mestre J. Oliveira, de Setubal com sardinha.

Annuncios

A camara municipal do concelho de Aveiro faz saber a todos os negociantes que quizerem concorrer á feira, denominada de Março, que annualmente se faz nesta cidade, farão ao arrematante da construcção do abarracamento, até ao dia 25 do corrente mez, a necessaria requisição da barraca, designando os lanços que pretendem, sob pena de que não o fazendo até ao indicado dia, não póde o mesmo arrematante ser obrigado a construil-a, como se acha disposto nas respectivas condições.

Secretaria da camara d'Aveiro 13 de fevereiro de 1866.

O escrivão da camara

José Venancio da Silva Guimarães.

AGRADECIMENTO

A direcção de estudantes, encarregada dos trabalhos da erecção d'um retrato do defunto orador o sr. José Estevão n'uma das salas do Lyceu, faltaria a um dever se não viesse por este meio testimunhar o seu reconhecimento a todos em geral pelo valioso auxilio, que lhe prestaram na realisação do beneficio na noite de 8 do corrente, e especialmente agradecer á benemerita sociedade do theatro dos Artistas, que gratuita e generosamente prestou a casa para a recita, o que prova, que tambem, como nós, avalia a irreparavel perda que a patria ha soffrido.

Aveiro, 16 de fevereiro de 1866.

O 2.º secretario

Francisco V. Barbosa de Magalhães.

Pelo cartorio do escrivão Ramos de Loureiro do julgado d'Ilhavo se hão de arrematar, em hasta publica, no dia 18 do corrente mez pelas 10 horas da manhã, na sala do tribunal judicial do mesmo julgado, os seguintes bens : Um pinhal, sito na praça da Ermida, que lhe chamam a Raposa, que parte do norte com Manuel Ferreira Branco, e do sul com Manuel Ferreira Solha, avaliado em 38:400 rs.

Mais outros moveis que estarão patentes no acto d'arrematação ; cujos bens pertencem ao orfão, filho que ficou de Manuel Nunes da Costa, e de Luiza dos Santos do dito logar da Ermida.

O escrivão

Ramos de Loureiro.

Pelo cartorio do escrivão Ramos de Loureiro, do julgado d'Ilhavo, se ha de arrematar, em hasta publica, no dia 18 do corrente mez, pelas 10 horas da manhã na sala do tribunal judicial do mesmo julgado, por execução que move Antonio José Vieira Machado, da cidade do Porto, a José Vicente Soares, da villa d'Ilhavo, os seguintes bens : Um casarão sobradado com pateo e suas pertenças, avaliado em 140$000 rs., sito no Oitão da mesma villa.

Mais quatro pipas avaliadas em réis 14:800.

Mais duas ditas avaliadas em 4:800 réis.

Mais dois quartos pequenos, avaliados em 730 réis.

Mais um caixão forrado de lata que tem de cumprimento dois metros e de largo um, avaliado em 18$000 réis.

O escrivão

Ramos de Loureiro.

DOMINGO 18 FEVEREIRO 1866

THEATRO DOS ARTISTAS AVEIRENSE

A segunda representação do drama em 3 actos e um quadro :

29

ou

Honra e Gloria

A segunda representação da comedia em 1 acto :

Util e agradavel

N'um dos intervallos haverá uma scena comica.

Principiará ás 7 1/2 horas.

Os bilhetes acham-se em casa do sr. Luiz Casimiro Feio, na praça do Commercio desta cidade.

CAIXA ECONOMICA DE AVEIRO.

A direcção da Caixa Economica d'esta cidade faz público que no domingo 18 do corrente mez, pelas 10 horas da manhã, no seu escriptorio da rua Larga, hão de ser arrematados os penhores que constam da seguinte relação, em consequencia de ha muito se achar vencido o praso das lettras por elles garantidas.

N.º dos penhores	Designação	Avaliação	Valôr das Letras que garantem.
77	Uma cruz de ouro . . .	1$100 rs.	1$000
154	Um cordão de ouro com um coração . . .	21$300 »	19$200
360	Um dito » » « . . .	6$800 »	6$800
362	Um garfo, uma colher, e uma faca de prata .	4$600 »	4$600
387	Um par de arrecadas e um brinco de ouro .	11$000 »	11$000
567	Um cordão de ouro	13$000 »	13$000
638	Um relogio com caixa de prata. . . .	9$600 »	9$600
700	Nove colheres de prata e dois pares de pingentes de brincos de ouro. . . .	4$700 »	4$700
779	Dois cordões e um par de brincos de ouro	54$600 »	54$600
852	Um par de argolas de ouro. . . .	2$800 »	2$000
899—A.	Um annel de ouro, um par de botões, e um par de botões de brincos. . . .	2$800 »	2$800
903	Quatro pares de brincos e um laço com diamantes.	22$500 »	22$500
1038	Um par de brincos e um annel de ouro . .	2$100 »	2$000
1083	Um par de arrecadas de ouro	3$300 »	3$300
1189	Uma cadeia de ouro.	5$600 »	5$500
1350	Um cordão de ouro.	12$400 »	12$400
1364	Um par de pingentes de brincos de ouro. .	1$400 »	1$400
1394	Um par de » de » de » . .	700 »	700
1403	Um par de argolas de ouro	2$100 »	2$100
1409	Um cordão com cruz, de ouro	15$000 »	15$000
1411	Um par de argolas e um fio de contas de ouro.	3$300 »	3$300
1525	Um par de argolas e dois fios de contas de ouro	1$440 »	1$440
1658	Um par de pingentes de brincos de ouro. .	500 »	500
1763	Um par de arrecadas de ouro. . . .	1$200 »	1$200
1789	Um annel e uma arrecada de ouro . . .	2$000 »	2$000
2331	Um annel de ouro.	1$150 »	960

Caixa Economica d'Aveiro, 8 de fevereiro de 1866.

O secr.º da direcção

A. D. Pinheiro e Silva.

Responsavel. — M. A. L. DE MESQUITA. — *Typ. do* «**Districto d'Aveiro.**»